



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO ■ Director: ANTONIO GOMES ROCHA ■ Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO
Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato Nacional
da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão
Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

O PROBLEMA DA AGUA

Continua sem solução o importante e gravíssimo problema do fornecimento de água á freguesia da Ajuda.

O facto em si, é tão grave e tão importante para a vida dos habitantes desta populosa freguesia, que a sua solução não admite delongas nem paliativos; e nós, consciêntes da responsabilidade que assumimos ao iniciar esta justa e bem humana campanha, declaramos aos nossos presados leitores, que empregaremos todos os esforços ao nosso alcance para que pelas entidades competentes sejam tomadas as providencias necessárias e indispensáveis neste caso.

Não nos calaremos enquanto a água — elemento necessário e indispensável á vida, e que não se nega aos próprios condenados á morte — não chegar a todas as casas desta freguesia.

Embora tenhamos em nosso poder, elementos que nos habilitam a declarar que a *Companhia das Aguas é obrigada a fornecer água a toda a população de Lisboa*, não quizemos iniciar a nossa ofensiva sem ouvir alguém que pelo seu valôr moral e importancia na sociedade, nos podesse esclarecer algumas duvidas, e assim, dirigimo-nos ao Ex.^{mo} coronel Bivar de Sousa, militar illustre, que pelo facto de ter sido membro da Comissão Administrativa da Camara Municipal de Lisboa, deve, como poucos, conhecer o estado em que se encontra a delicada questão de ha anos, entre a Companhia das Aguas e a Camara Municipal.

Procurado em sua casa, um lindo muzeu de arte e patriotismo, Sua Ex.^a recebeu-nos com a galhardia de sempre. Dissemos-lhe ao que iam, e pedimos-lhe a sua opinião abalisada, o seu conselho de amigo e de guia.

O sr. coronel Bivar de Sousa, homem modesto e contrário a tudo que seja exhibicionismo, declarou-nos logo que teria muito prazer em nos ser útil, visto que acompanhando com interesse a vida do nosso jornal, gostaria de o auxiliar, prestando-lhe os esclarecimentos de que necessitasse.

Depois de agradecermos essas palavras amigas, pedimos que falasse. Sua Ex.^a em conversa, num á vontade que muito nos captivou, disse-nos o seguinte:

«Como deve saber, a presente Companhia das

Aguas é já a segunda que existe em Lisboa. Tivemos uma outra, a primeira, cujo contrato foi feito em 29 de Setembro de 1858, mas como não tivesse cumprido as principais clausulas do mesmo contrato, uma das quais era abastecer de agua toda a cidade, foi expropriada por decreto de 8 de Outubro de 1863.

Em 27 de Abril de 1867, firmou-se o contrato com a presente Companhia das Aguas, contrato que tinha 29 bases.

A 1.^a dessas bases, determinava qual a area da cidade dentro da circunvalação antiga.

Mo § 2.^o dessa base, lê-se o seguinte: «Por cidade de Lisboa entende-se a compreendida na actual circunvalação. Se de futuro se alargar essa circunvalação, prover-se-ha ao abastecimento dos novos tratos que acrescerem sem dependencia de novo contrato.»

A base 3.^a determinava a agua que a Companhia deve introduzir em Lisboa, e que é a do Alviela.

A base 16.^a fixava o preço da agua.

A base 17.^a estabelecia as condições de rescisão por parte da Companhia ou do Governo.

A base 11.^a determinava que um terço da água pertencia ao Governo e dois terços á Companhia. Em 29 de Setembro de 1871, foi deliberado que a Camara Municipal pagasse 7 centavos por cada metro cubico de agua que gastasse a mais do terço que lhe pertencia.

Em 29 de Outubro de 1888, foi feito outro contrato com a Companhia das Aguas. Na base 2.^a desse contrato obrigou-se a Companhia das Aguas a construir um grande reservatório para 120.000 metros cubicos de água; mais outro para 6.000 metros cubicos, e ainda um outro para 1.000 metros cubicos da água, na Calçada da Ajuda ou nas suas imediações, e ainda diversas ligações.

Este ultimo reservatório, foi construido em Arcolena, e abastece a parte baixa ocidental, que é Belém, Algés e Dafundo. Se o tivessem construido no cimo da Calçada da Ajuda, poderia éle abastecer de água toda a freguesia, visto que a cota do Largo da Ajuda é de 85 metros. No local onde se encontra está a cota 60, e por isso não pode abastecer o alto da Calçada.

A base 5.^a determina que no caso de resgate, o

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 131 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Merceria Malheiros)

que si encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificades da verdade, que o seu proprietário agradece

A Favorita da AjudaDE
ANTONIO DIAS**147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA**Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros**Vinhos recebidos directamente de Arruda****LIBANIO DOS SANTOS**VINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS**206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA**

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

Estado ou Municipio pagará á Companhia o valor que tiverem as obras mencionadas no contrato, do estado em que se encontrarem.

A cidade ficou dividida em 3 zonas, para abastecimento de água.

A 1.^a zona baixa até á cota 45 metros (reservatórios da Veronica e Principe Real, este a cota 66 metros.)

A 2.^a — zona media — de 45 a 75 metros. Reservatórios do Monte (cota 96) Arco (cota 92) e Campo de Ourique (cota 90).

A 3.^a — zona alta — Reservatorios de Pombal (cota 115) e Penha de França (cota 104).

Por diversas vezes se tem pensado em fazer novos contratos com a Companhia das Aguas. Em 1891 foi nomeada uma Comissão que estudou as bases para o novo contrato. Nada resultou de util, porque ficou assim mesmo.

Em 1921 foi apresentada no Parlamento uma proposta de novo contrato com a Companhia das Aguas, pelo qual a Companhia era obrigada a duplicar os sifões do Alviela, a construir um grande reservatório com a capacidade de 200.000 metros cubicos, que pela Comissão Parlamentar do Comércio e Industria foi aumentado para 400.000 metros cubicos, a construir 3 novos reservatorios, bem como autorizada a introduzir no Alviela as águas do Rio Ota, no máximo que fôsse possível captar Esta proposta não obteve aprovação porque o Parlamento foi dissolvido pouco tempo depois. Em 1926, no tempo do ministro Passos e Sousa, novamente se falou num novo contrato entre o Governo e a Companhia das Aguas, mas essas diligencias foram prejudicadas pela atitude da Comissão Administrativa da Camara Municipal de Lisboa, que pretendia fazer o resgate, e como as *démarches* fossem conduzidas com pouco tino, (como está na memória de todos), tudo teve um resultado desastroso, com grave prejuizo para o povo.

Ha porém uma Comissão nomeada pelo Governo para estudar as novas bases do contracto. Essa Comissão já apresentou os seus trabalhos, que se conservam secretos, Hoje tudo depende do Governo. A Camara por si só, nada pode resolver. E' forçoso que o Governo chame a si esta questão, e resolva como é de Justiça. O povo desta freguesia não deve deixar esquecer este caso, que é muito importante. Com um pouco de boa vontade do Governo, tudo se resolverá a contento de todos.»

Assim falou o illustre coronel Bivar de Sousa, antigo membro da C. A. da Camara Municipal de Lisboa.

Pelo que ouvimos, ficou-nos a impressão de que tudo depende do Governo. Pois bem, pediremos ao Governo. Antes porém de fazermos esse pedido, dese-

jamos solicitar á Ex.^{ma} Comissão Administrativa da Camara Municipal e ainda a todos que se interessam pelo progresso da freguesia, que nos acompanhem de alma e coração nesta nossa cruzada, que é de grande importancia, e que nos acarretará grandes desgostos e conseiras.

E' preciso que todos, sem a menor defecção, se disponham a acompanhar-nos no nosso pedido respeitoso e justo, ao Governo.

E' preciso que a freguesia da Ajuda, seja ouvida neste seu pedido.

Não temos Agua, e necessitamos que o Governo providencie no sentido de que essa falta seja remediada.

Se a Companhia das Aguas não pode fornecer água á freguesia da Ajuda, que está dentro da circunvalação, porque motivo pode fornecê-la a Algés e Dafundo, que não estão dentro da mesma circunvalação???

Hoje mais que nunca se verifica que ha toda a necessidade em modificar o contrato com a Companhia das Aguas, dando-lhe regalias, mas tornando impossiveis abusos como os que verificamos.

A freguesia da Ajuda nao tem agua suficiente para o abastecimento da sua população.

Guem nos acode?? Quem nos ouve??

“A Voz de Alcantara”

Recebemos na nossa redacção, no passado dia 21, a visita do director, proprietário e corpo redactorial deste jornal, que tiveram a gentileza de vir cumprimentar-nos como colegas na luta em defeza dos interesses das freguezias.

Os rapazes d'«A Voz de Alcantara», modestos mas briosos, exteriorisaram bem a força de vontade de que estão animados.

«O Comércio da Ajuda», agradecendo a «A Voz de Alcantara» a gentileza da visita, saúda o novo colega, desejando-lhe as prosperidades a que têm direito aqueles que honestamente trabalham pelo bem estar geral.

Os bons vinhos da Região de Mafra:**Cheleiros, Carvalhal, etc.**

MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINASRua do Cruzeiro, 101 a 117
R. da Junqueira, 293-B a 293-D
Calçada da Tapada, 47 a 53Calçada da Ajuda, 212 a 216
Calçada da Ajuda, 154 a 156
Largo 20 de Abril Calvár o, 1**Santos & Brandão****CONSTRUCTORES****Serralharia - Forjas - Caldeiraria
Soldadura a autogénio****R. D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)****TELEFONE BELEM 207**

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMÉRCIO DA AJUDA" e onde este jornal pode ser adquirido gratuitamente:

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGÉNIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. das Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA Telef. B. 552

Casa do Povo da Ajuda

DE
LUIZ ANTONIO DA LUZ

Artigos de retrozaria, roupas brancas para homem, senhora e creança, e muitos outros artigos a preços módicos

113, Calçada da Ajuda, 115 — LISBOA

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GÉNEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

CERAMICA DE ARCOLENA

DE
J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas
Canalizações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda, e onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis tambem um bom sortido de géneros alimenticios de primeira qualidade, a preços rascaveis

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico — JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA — Todos os dias ás 4 horas da tarde
PEDRO DE FAR'A — Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA — 4.^{as} feiras ás 9 h JULI CARVALHO — 3.^{as} feiras ás 9 h.
FRANCISCO B. EIA — Quintas-feiras ás 0 horas

— Serviço nocturno às quartas-feiras —

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telefone B. 456

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

LISBOA

Géneros alimenticios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros — — — — — Vinhos finos e de mesa
LICORES E TABACOS

Para onde vamos?

Os últimos meses têm sido ferteis em crimes de toda a natureza.

Parece-nos que os homens sentem prazer em fazer mal, quando é verdade que hoje, mais do que nunca, se torna necessária paz, muita paz.

Para onde iremos?

Mas... não fica por aqui a nossa miséria moral.

Nos jornais, é vulgar lêr-se um ou outro anuncio de mãe entregando os filhos.

Aí vai um, por exemplo, publicado no «Diário de Notícias» de 30 do mês findo:

«MÃE — Com falta de meios, dá um menino com oito meses a pessoa que o estime. C. do Duque, 3, 3.».

Horror dos horrores! Dar um filho!

Mais adiante, nos jornais de 6 do corrente, é a noticia de uma criancinha abandonada no Parque Eduardo VII. A pobre inocentinha tinha quando muito 15 dias de vida! Foi uma mulher do povo que a levou para casa.

Miseria das miserias!

Nunca se viram tantos pobres pedindo pelas ruas e ás portas.

Para onde vamos?

Não sabemos, e oxalá nos enganássemos nos nossos vaticínios.

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidade
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552,
onde serão atendidos com a máxima urgência

PENSAMENTOS E SENTENÇAS A ESMO

MAS APRESENTADOS SEM INTENÇÃO DOGMÁTICA

DOS MEUS APONTAMENTOS, por Alexandro Settas

Amor invulgar não foi só o que alimentou os corações de Armando Duval, Gaussin, Desgrieux, Werther e quantos mais: é todo aquele que, desprezando as conveniências da sociedade se mostra impávido ás gentes profanas

Aos affectos delimitados pela prudência não se deve chamar amor, mas tão simplesmente amizades mais ou menos profundas e intensas.

Quando se diz que o orgulho, ou as conveniências venceram o amor, é porque de facto elle não existe.

Na época actual, mulheres ingenuas só há as que por acaso ainda o são. As outras já há muito que enveredaram na prática dos conhecimentos adquiridos.

Tem, pois o Dr. Toulouse razão quando afirma que nada se deve occultar ao espirito da criança sedenta de saber, para a perfeita formação do seu futuro critério.

A forma como um povo recebe e trata os estrangeiros denuncia, pela gentileza ou grosseria dispensadas, o grau de civismo em que se encontra.

Assim também é pela maneira como um individuo se comporta em país estranho que prova o grau de civilização do seu país, não devendo todavia tomar-se como regra o que apenas pode ser mera excepção.

Uma das grandes superioridades que encontro na mulher está na sábia maneira com que sagazmente faz valer a sua argúcia para captar a simpatia de quem lhe apraz.

Muitas vezes as reivindicações sociais são preconizadas mais por inveja e egoismo do que pelo desejo de pura igualdade e amor ao próximo.

ALFAIATARIA AJUDENSE

DE

MANOEL PINTO ESTERRO

Calçada da Ajuda, 127 - LISBOA - Telefone B. 184

O proprietário desta Alfaiataria, no bemérito intuito de facilitar ás classes pobres a aquisição de bons fatos, sobretudo e gabardines, previne o Público de que resolveu vender todo o seu vasto stock de optimas fazendas nacionais e estrangeiras, pelo preço da fábrica, e algumas, até, mais baratas que o preço do custo. Deve, pois o Público, aproveitar esta excepcional ocasião de adquirir bons fatos, sobretudo e gabardines.

A AJUDA de outros tempos

Estava assente que neste número reataríamos a enumeração dos edificios e factos que se prendem á história da freguesia da Ajuda. O reconhecimento, porém, de uma inexatidão, a que fomos levados por lapso de memória, obriga-nos a rectificar o que dissemos acêrca da indumentária de Jaime José Ribeiro de Carvalho.

Não eram estreitas, mas sim largas, as calças usadas pelo popular autor de originaes opúsculos de moral e hygiene, e o debrum, que afirmámos erradamente ser de galão, era de cabedal, e apenas na parte de trás da orla inferior, para o efeito de evitar que esta se cortasse com o uso.

E uma vez que nos encontramos de novo a contas com a memória d'este homem, uma das mais características figuras d'este bairro na segunda metade do século passado, não resistimos á tentação de narrar mais um episódio da sua vida, tendente a mostrar a elevada consideração em que elle tinha os dotes literários de que se julgava possuidor e o sobrepunham a todos os homens daquela época, não só aos que nas letras tinham um lugar primacial, mas também aos que na sociedade desempenhavam os mais distintos cargos.

Ocupava o Jaime José, com sua esposa, D. Maria Carlota Almeirante de Carvalho, uma casa situada no Pátio das Castelhanas e propriedade da Casa Real. Circunstâncias especiais, que para o caso pouco importam, levaram o respectivo administrador a citar os inquilinos do Pátio para que abandonassem as suas moradias em determinado prazo. Todos acataram esta ordem, á excepção do *citado autor*, que peremptoriamente declarou não estar resolvido a sair dali. E, como fôsem inúteis todas as diligências empregadas, alguém informou o rei D. Luís da teimosia do *celebrado autor*, o que obstava a ser levada a effecto a resolução tomada.

Suficientemente o conhecia já o rei, e por isso se não sentiu magoado pela desobediência daquele homem que segundo era voz pública, a Casa Real auxiliava e protegia. Para evitar contra elle qualquer acto violento, D. Luís resolveu procurá-lo, certo de que com boas maneiras o convenceria a cumprir a ordem.

E certa manhã saiu do Paço em direcção ao Pátio das Castelhanas.

Beteu á porta do Jaime José, e, ao defrontar-se com a esposa d'este — para quem certamente a pessoa do rei não era desconhecida — manifestou-lhe o desejo de falar ao marido.

D. Maria Carlota, porém, com a altivez e sobrançeria próprias da esposa dum grande homem, respondeu simplesmente:

— O sr. Jaime José Ribeiro de Carvalho não recebe antes das 11 horas.

D. Luís consultou o relógio. Eram 10 e meia.

Sem o mais leve sinal de contrariedade, antes com aquella bonomia que o caracterizava e lhe grangeou o cognome de *Popular*, o monarca replicou sorrindo:

— Peço desculpa. Voltarei mais tarde.

E voltou. A's instancias do rei o Jaime objectou que não tinha dinheiro para alugar outra casa e, portanto a ninguém reconhecia o direito de o forçar a abandonar aquella.

Que poderia responder D. Luís a tão fortes razões? Não sabemos. O certo foi que, poucos dias depois, o autor dos originaes de moral e hygiene tinha á sua disposição outra morada, e até, para o transporte dos móveis, a Casa Real lhe enviava o necessário pessoal e carroças.

Vamos citar mais três figuras populares de há sessenta anos, e com elas fecharemos a série dos tipos exóticos conhecidos de todos os moradores da freguesia da Ajuda. Antes, porém, cumpre-nos dar, em breves palavras, uma explicação aos leitores.

Não é nosso intento, ao rememorar algumas dessas criaturas que só pelos seus vícios ou desregramentos se fizeram notados, unicamente pôr em relevo ent a cuja baixeza moral afrontava as pessoas de bons costumes, nem de modo algum celebrar-lhes as qualidades reles que os amesquinhavam. Apenas os apresentamos para com elas vincar mais profundamente a época em que pelas ruas da Ajuda arrastaram as suas misérias.

Figuras apagadas, não interessam aos individuos de hoje, mas o lembrá-las, será, para aqueles que as conheceram, o suave recordar duma época em que a mocidade lhes enchia de illusões e esperanças o coração. E, como dissemos ao iniciar a publicação d'estes modestos artigos, é sempre grato á velhice o *reviver* tempos que passaram e como que experimentando mais uma vez ainda as emoções que no ardôr da juventude acarinham a nossa alma.

Era certo todos, ou quasi todos os dias, o Salvador, por alcunha o Ganguinha, acompanhado pela sua Ter-eza, darem espectáculo nas ruas da Ajuda, com enorme gaúdio da garotada que os cercava e apupava.

O Salvador saía de manha para a venda das ostras e mexilhão, e a cara esposa percorria o sitio no *importante* comércio do barriê cosido. De tarde, acabada a venda e apurados alguns cobres, iniciavam os dois uma verdadeira romaria pelas tabernas, e, decilitro aqui, decilitro acolá, a breve trecho bordejava um para a esquerda enquanto o outro bordejava para a direita; isto nos casos mais felizes, porque, se a má sorte obrigava ambos a bordejarem para o mesmo lado, acabavam quasi sempre por se estatelarem um sobre o outro nas pedras da calçada.

Se um dia a embriaguês os induzia á ternura, e, embora com dificuldade, se equilibravam abraçados, dando larga expansão ao amor que havia muitos anos os ligava, no dia seguinte os animos envinagravam-se, dando lugar ás mais acres invectivas e insultos, misturados por vezes com alguns sopapcs sem consequências de maior.

Em qualquer dos casos o povo ria a bandeiras despregadas e a policia fazia vista grossa.

Tão frequentes eram estas cenas escandalosas, que alguns rapazes do bairro, o João da Agueda, o Joaquim

Favorita Ajudense
DE
J. J. CAETANO
Completo sortido de Fanheiro, Retrozeiro, Rocparia e Gravalaria
Artigos Escolares - Material electrico
GRANDES PECHINHAS - OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO
167, Calçada da Ajuda, 169
TELEFONE BELEM 456

Farmácia SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telefone B. 329

Consultas medicas diarias

pelos Srs. rs.

Carro Xavier ás horas

Medida Sousa ás horas

Serviço nocturno ás

sexta-feiras

Gráfica Ajuense

TIPGRAFIA PAPELARIA

composições de

Tabaria Penmaria Livraria

Articolares

Calçada Ajuda, 176

TEL. B. 329

A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L. DA

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Travessa de Paulo Martins, 18

AJUDA - LISBOA

TELEFONE BELEM 517



Encadernações simples e de luxo, taes como: livros á antiga, amator e escrituração comercial

Copiadores, caixas e pastas para arquivo.

Armam-se pastas de fantasia e bordadas

Envernizam-se mapas

do Pátio, o Dente Real, o filho do Valentim do Curado e outros, organizavam pelo Carnaval uma interessante cégada, parodiando e cantando em versos de pé quebrado o interessante *casal de borrachos*.

Outro adorador constante do Deus Baco era um fazedor de bolas, chamado Manuel e conhecido no sitio pela alcunha de *Micróbio*. Não se pode dizer que nelle a bebedeira fôsse frequente, porque era perene, sem intermitências.

Abandonado pela mulher e pelos filhos, já cansados de o aturar, vivia miseravelmente, desprezível e enfarruscado. Não era um homem; mais parecia um composto de alcool e pó de carvão.

Numa época em que o negócio das bolas fraquejou, o *Micróbio* viu-se em embarços para prover á sua sustentação. Não que elle precisasse de muito alimento para se aguentar de pé; bastavam-lhe alguns copos de vinho que o fizessem cair. Mas dinheiro não tinha e o taberneiro já não fiava.

Deu-se então a sérias cogitações para o estudo da situação e achou por fim a solução ao problema. Era preciso transformar a água em vinho. Para isso pediu a uma vizinha um copo e uma bilha com água. E, munido d'estes apetrechos, ei-lo na Feira de Belém, apregoando *água fresca*.

Ora, dando-se nêsse tempo a coincidência de cada copo de água se vender por 10 réis, preço igual ao da 1 decilitro de vinho, o nosso herói, assim que na mão lhe caía alguma pequena moeda de cobre em paga do água imediatamente a deixava na taberna em troca do vinho que emborcava com indizível satisfação.

Resultado: ao fim de algum tempo tinha o estomago cheio e a bilha vazia. E, desequilibrado, não podendo agüentar-se nas pernas, acabou por cair de encontro a uma esquina, e partiu a bilha, o copo... e o nariz.

Pois ainda depois, no hospital, quando lhe quizeram aplicar cataplasmas de linhaça, ele bramava indignado para os enfermeiros:

— Não foi linhaça que o médico receitou. Vinhaça... vinhaça, foi o que elle disse!

Alfredo Gameiro.

Sindicato da Imprensa Portuguesa

Recebemos ha dias o boletim d'este Sindicato. A sua quasi paralisação dos serviços de expediente, tem causado péssima impressão nos seus associados.

Conhecedores do muito que pode fazer o nosso Sindicato, fazemos votos muito sinceros porque o actual Directorio fuja do ramerrão de alguns meses, e entre numa vida de actividade.

Ha muito que fazer, e isso só poderá ser feito com trabalho. Boas vontades, julgamos haver.

Nov Padaria Taboense

DE ANTONIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para serem as suas condições higienicas

Rua das Mercês, 118 a 128
AJUDA - LISBOA

TRIBUNA LIVRE Justificando...

Bom amigo:

Só hoje respondo á sua pergunta de ha muito feita, mas a razão da demora é a mesma que me obriga a proceder como actualmente procedo em todos os actos da minha vida, isto é, nada digo nem nada faço, sem verificar não haver perigo algum para mim das palavras ou factos da minha autoria.

Sim, porque, embora eu reconheça ser a Sociedade tolerante e boa para mim, vivem nela alguns entes que estão á espera do meu procedimento para se aproveitarem em seu beneficio «por maldade e estupidez». E' esta a pequena razão com que defendo a minha actual forma de proceder julgando assim, que evitarei os prejuizos que me adviriam certamente se imediatamente retorquisse por qualquer forma aos ataques directos ou indirectos.

Bastante me custou adoptar esta attitude, mas creia o meu amigo que foi sómente por reconhecer que dentro desta nossa Sociedade, existem individuos «estupidamente maus», incapazes de prestarem auxilio aos outros, e, com a agravante de para se manterem, espezinharem os seus semelhantes prejudicando-os em tudo.

Eis a traços largos, caro amigo, a resposta á sua pergunta:

«Porque será que o amigo sorri ironicamente quando atacado, não ripostando como era seu costume, só se lhe conhecendo irritabilidade pelo seu tremôr mais pronunciado?»

Considero o facto da sua pergunta o desejo de me ser util, mas caro amigo, está estabelecida entre «Os Estupidos Maus» e a minha humilde pessoa uma luta de que espero sair vencedor.

Em satisfação ao meu amigo, continuarei a explicar-lhe em cartas como esta, o meu «Estado de Alma», esperando o favôr que lhe agradeço de continuar a prestar-me a sua afeição de amigo e semelhante de uma «Sociedade Boa» e sem «Estupidos Maus».

Desculpe-me por lhe ter tomado o seu precioso tempo, com os meus agradecimentos, e até breve, se subscreve o Amigo e semelhante

V. P. A. Silva.

Linha electrica Belém-Ajuda

Pede-nos um grande amigo que digámos alguma coisa no nosso jornal, a respeito da projectada linha pela Calçada do Galvão, que ligaria Belém á Ajuda.

Pouco ou nada podemos acrescentar ao que já está dito.

Sabemos que pelo Ministerio das Colonias já foi concedida a autorisação para o alargamento da Calçada do Galvão, com prejuizo do Jardim Colonial, e que... tudo isto está agora emperrado porque a Companhia Carris não quer arcar com a despeza da construção do muro do mesmo Jardim, porque terá grandes despezas a fazer com o assentamento da linha, visto o colector estar muito a superfície.

Falta agora que a Camara Municipal e a Companhia Carris cheguem a um acôrdo.

A construção da linha Ajuda-Belém, beneficia imenso os moradores destas freguesias, e será uma grande mina para a Companhia Carris.

Desejamos que os obices levantados, desapareçam muito em breve, e... esse melhoramento não se faça esperar.

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMÉRCIO DA AJUDA" e onde este jornal pôde sêr adquirido gratuitamente :

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}



PADARIA

Fornece pão aos domicílios

55, Calçada da Memória, 57 — LISBOA
TELEFONE BELEM 520

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA
TELEFONE BELEM 56

Pérola do Cruzeiro

DE

JOÃO DE DEUS RAMOS

Gêneros alimentícios de primeira qualidade
Especialidade em chá e café—Vinhos finos, do Porto e de pasto
Azeites finos e carnes fumadas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

54, Rua do Cruzeiro, 56 — AJUDA

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO
Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes
Fornecedor de materiais de construção
TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

Drogaria e Perfumaria

DE

ANTONIO MORAIS DOS SANTOS

Drogas, tintas e vernizes
Sabonetes e perfumarias dos melhores fabricantes

147, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220

AGENCIA FUNERÁRIA

DE

António Serapião Migueis

Calçada da Bôa-Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

DESPORTOS

Impressões da "final" de Coimbra

por um «Belenense» faccioso

Que patetas! Deslocarem-se tão longe por causa do football! A Setubal! A Santarem! Pois eu fui a Coimbra! O que é o mundo!

Coimbra é uma cidade interessante. Boa escolha para uma final de football. Os coimbricenses são imparciais. Tenho mesmo a impressão de que não lhes interessa a luta desportiva que daí a pouco tempo vai ser travada.

A cidade está tomada pelo Porto. Bandeiras do Porto... Gente do Porto... Vivas ao Porto... Dizem-me que os de Lisboa são em maior número. Onde estão eles?

De Lisboa, dois comboios especiais, alguns autocars, camionetes e automoveis. Cálculo: 2.000 pessoas. Pouco, muito pouco.

Bandeiras do Porto. Postais do Porto. Recordações do Porto. Eis o que se vende em Coimbra. De Lisboa... nada!

4 horas da tarde. A estação do caminho de ferro está ocupada pelo Porto! Viva o Porto! Morra Lisboa! (!!!) Morra o Belenenses! (!!!) Um lisboeta mais atrevido protesta. Grita: «Viva o Belenenses!» Resultado: três dentes a menos.

Passa um automovel. Dentro vai um ferido. Pergunto: «o que foi?» Respondem-me: «um lisboeta para o hospital».

5 horas. Um mar de gente enche o campo de Arnado. Os belenenses vão aparecendo. Surgem bandeiras com a Cruz de Cristo. Muitas bandeiras. Sentimos a presença de muitos belenenses. Onde surgiram?

O Porto é o primeiro a entrar em campo. Aplausos prolongados. Cinco minutos após entra Belem. Aplausos delirantes. Como se explica um tal equilíbrio de forças?

Alguem me explica o que acontece. Os desportistas de Coimbra colocam-se ostensivamente ao lado de Lisboa, como resposta aos ataques dos jornais do Porto.

5,35. Começa o jogo. É grande o nervosismo. As claques animam os seus. O campo parece uma grande cerca dum monstruoso hospital de doídos.

5,52. Uma avançada do Porto, cortada por mão de Cesar, na

grande área. Penalty. O 1.º goal do Porto. Pela primeira vez, lamentamos que Cesar não seja maneta.

Augusto Silva é um gigante do football. Recolhe, distribue, passa, engana, despacha... Tem um imã em cada pé. Que grande jogador! E' a alma de Belém!

O Belenenses joga um pouco duro. O sr. Melcon irrita-se. Marca constantes penalidades contra Lisboa. Agarra os jogadores lisboetas. Dir-se-hia que quer agredi-los. O Porto tem ali um amigo...

Três «ofsides» seguidos, sem razão. E' demais. O publico belenense impacienta-se, e começa a dar razão a certos boateiros...

Finalmente, o empate! Um delirio! Que lindo goal! Intervalo.

Recomeça o jogo. Belém joga. O Porto treme. Almeida «trata dêles» e pede desculpa.

Os rapazes de Belém dominam, criam fê nos seus «suporters» mas não encontram o caminho do «buraco». Azar!

O 2.º goal do Porto. Delirio dos tripeiros. Ainda faltam 20 minutos para acabar... Até lavar dos cestos é viadima.

Três, quatro, cinco ocasiões perdidas. Perderemos? Belém continua a não encontrar o caminho das rédes. E o tempo passa... Melcon decerto ha-de deseontar tempo.

Augusto Silva recebe um sôco nas costelas dianteiras. Encolhe os hombros, sorri... mas vai-se abaixo.

Belém ainda tenta a sorte. Carrega. Mas ouve-se o apito do arbitro. O jogo terminou. Faltava um minuto fora os descontos. O Porto tem ali um amigo.

O campo é invadido. Os jogadores do Porto levados em triunfo. Um grande cortejo. Vivas ao Porto! Os de Lisboa quedam-se veuicidos mas não convencidos.

Alguns belenenses reagem. Viva o Belenenses! E ainda vi um lisboeta levar com um garrafão na cabeça.

Os lisboetas retiram, dando vivas ao Belenenses. E em Coimbra só fica o Porto, dando largas ao seu entusiasmo.

Belo passeio! Foi mesmo o lenitivo para esta amarga jornada desportiva! Desde os ridentes arredores de Lisboa até aos lindos panoramas dos arredores de Coimbra, tudo é belo, tudo é grandioso! Que lindo é Portugal! E paciência... Fica para o proximo ano.

S. C.

MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade

DE **João Alves**

CALÇADA DA AJUDA, 95 E 97 - LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados **VINHOS DE CHELEIROS (Maíra)**

A Ajuda sem Agua

O que se tem passado na freguesia da Ajuda, no que respeita ao abastecimento da agua, não tem justificação possível, pelo que requer as mais energicas providencias da parte das entidades competentes.

A Companhia das Aguas, pela forma por que está tratando os habitantes da Capital, nomeadamente, os da Ajuda, demonstra claramente que se capacitou de que impera em país conquistado, pois não mostra a menor preocupação pelas suas vidas e haveres.

A freguesia da Ajuda parece predestinada a ser votada a um abandono completo, apesar de lhe serem exigidos os mesmos sacrificios que são exigidos ás suas 42 congéneres. E, para ser completo o seu calvário, aparece o colosso da Avenida da Liberdade a martirizar os seus moradores, faltando-lhes com a água que, apesar de ser de pessima qualidade, constitue um artigo de primeira necessidade e bastante precioso.

Em toda a epoca do ano, a falta de agua faz-se sentir extraordinariamente mas, nunca como aconteceu nos dias 25 e 26 do pretérito mês de Junho, e, nos 6 primeiros dias do mês corrente, visto que ela faltou por completo nos chafarizes e nas casas que dispõem de canalisação apropriada.

Os protestos, aliás justissimos, junto do potentado da Avenida da Liberdade, têm sido bastantes (nem mesmo outra coisa seria de esperar), visto que não pode ser encontrada justificação possível, para semelhante procedimento, criminoso sob todos os aspectos porque se tenha de ser encarado

Ninguém pode deixar de classificar de criminoso o procedimento da Companhia das Aguas, visto que elle nem na falta de chuvas pode ser escudado, como pretendem fazer acreditar.

Se a falta de agua na freguesia da Ajuda, foi motivada pela grande estiagem, como se explica que, depois de serem dirigidos vários protestos á Companhia, alguns deles firmados por officiaes do Exército e um pela Comissão Administrativa da Junta de Freguezia, a quem deixamos tributado nestas colunas, o nosso reconhecimento, a agua apparecesse em quantidade sufficiente?

A dar-se qualquer incendio na freguesia, durante os dias em que esteve sem agua, como seria possível extingui-lo, antes de causar prejuizos totais? Só adoptando-se os processos seguidos na aldeia mais reconditada de Portugal, onde o sinistro é anunciado pelos sinos da igreja, para que todos corram ao local, armados dos competentes cantaros de barro. Ora tal processo, que serve, quasi sempre, para se perder tudo, não se pode admitir, na capital do País. Mas, em todo o caso, na aldeia ainda apparecem os cantaros de barro cheios de agua; na freguesia da Ajuda, nem mesmo os cantaros

de barro podiam entrar em acção, visto que não havia com que os encher.

Este estado de coisas não pode continuar de maneira nenhuma.

Ha que meter na ordem os dirigentes do potentado da Avenida da Liberdade. podendo-lhe contas pelos factos que são do dominio do público, os quais revelam bem a intenção criminoso.

A conduta da Companhia das Aguas, necessita de ser apreciada pelos Tribunais, para ter o premio que merece.

No Conselho Central das Juntas de Freguesia de Lisboa, deve existir ainda um bem elaborado relatorio, datado de 1926, no qual está bem esclarecido o procedimento da Companhia. Nele trabalharam individuos insuspeitos, e que fazem parte das mesmas Juntas. Ali se encontrará vasta materia que, por si só, constituirá um tremendissimo libelo que será difficil, se não impossivel, de contraditar.

Agua, pedem os paroquianos da Ajuda!

A fome pode ser suportada até certo ponto, mas a sede é que é inteiramente impossivel resistir.

Agostinho António.

Um nobre gesto

Faleceu ha dias um chefe de familia, que deixou na orfandade seis filhos de menor idade e que ainda não podem angariar os meios de subsistencia.

A mãe, pobre mulher, é doente, e não pode por si trabalhar para os crear e manter.

Mas um irmão do falecido, pobre empregado do Museu dos Coches, de nome João Eduardo Farinha, auferindo o misero vencimento mensal de 504\$60, residente na Rua das Mercês, 49, que tem a seu cargo numerosa prole, resolveu trazer para sua casa um dos filhos de seu falecido irmão, e tratá-lo como se seu filho fôra.

Este acto mostra que o carácter de João Eduardo Farinha é um dos melhores que se têm manifestado na nossa freguesia, demonstrando que a solidariedade não é uma palavra vã, e é praticada exactamente por aqueles que menos possibilidades têm.

FALECIMENTOS

Antonio F. M. Bahuto Felix

Realizou-se em 11 do corrente, com grande acompanhamento, o funeral do sr. António F. M. Bahuto Felix, cunhado do nosso presado redactor principal sr. Viriato Pedro Antunes da Silva, e que como tinhamos noticiado, faleceu na Casa de Saude do Telhal.

O seu funeral fez-se representar pelo seu Director, Administrador, e o redactor sr. Agostinho António.

D. Delmira Augusta Ferreira

Faleceu em 17 do corrente a Ex.^{ma} Sr.^a D. Delmira Augusta Ferreira, dedicada espôsa do nosso muito amigo José Afonso Bezelga, sargento reformado, residente na nossa freguesia.

O seu funeral realizou-se no dia immediato, com grande acompanhamento, para o cemiterio da Ajuda.

Os nossos sentidos pezames.

A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em corticite, com bolas de borracha

RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

Salão Portugal**CINEMA SONORO**Empresário **J. NICOLAU VERISSIMO****Travessa da Memória - Ajuda****TELEFONE BELEM 124****Sábado 23 ás 21 horas Domingo 24**

Exibição do hilariante filme sonoro, falado e cantado

A MILICIA DA PAZ

COLOSSAL SUCESSO DE GARGALHADA

NO DOMINGO: Matinée ás 2,30 h. da tarde
com os excelentes filmes mudos**Caça aos Milhões - Um homem que nunca mentiu**

MATINÉES TODOS OS DOMINGOS

A casa que tem sempre mais público, por só ter bons programas

Dias 26 e 27 { **ALEGRE MADRID**, com Ramon Navarro
PATRULHA ERRANTEDias 30 e 31 { **DE CORPO E ALMA**
A LOUCURA DUM BEIJODia 2 - **HEROIS DO AR e NOITE DE DUENDES**Dias 6 e 7 - **O FILHO PRODIGO - AMOR E BOX**
e NADA DE NOVO NA FRENTE CANINA

A SEGUIR - As ultimas super-produções de grande successo

Este salão é o mais fresco e ventilado da parte ocidental de Lisboa, conservando, mesmo com a lotação esgotada, uma temperatura agradabilissima.

A melhor instalação sonora dos cinemas da parte ocidental de Lisboa**NOTICIARIO DIVERSO****24 de Julho**

A Comissão promotora da romagem ao monumento ao Duque de Terceira, no Caes do Sodré, comemorando a entrada do Exército Libertador em Lisboa, pede-nos que tornemos publico o seu convite ao Povo de Lisboa, Academia, Escolas, Clubes e representações das provincias, para que no dia 24 do corrente, deponham ramos de flores no pedestal do aludido monumento.

Como se trata de uma comemoração patriótica, «O Comércio da Ajuda» tem o maior prazer em publicar o mesmo convite, que estamos certos, será recebido com agrado e satisfação pelos nossos leitores.

Soma e... segue

Desde 6 a 16 do corrente, foram derrubados e avariados por veículos, 43 candieiros de iluminação publica, por excesso de velocidade ou impericia dos seus condutores. Quando acabará esta vergonha?

Sempre a falta de água

A confirmar tudo quanto temos dito sobre a falta de água, aparece-nos agora o incendio no Monte-pio Oficial. A' 1 hora da madrugada, não havia água na baixa!!! Quem terá coragem para meter na ordem a Companhia das Aguas?!

Este número foi visado pela Comissão de Censura**“ÁFRICA”**

Recebemos a amavel visita deste nosso presado colega, propriedade da Cultura Nacional Editora Limitada, de Lisboa, e que se publica semanalmente.

Ao nosso colega, que se propõe defender o interesse das colonias e dos coloniaes, apresentamos os nossos cumprimentos de boas vindas, e desejamos-lhe longa vida.

Agradecimentos

Da Sr.^a D. Sara da Silva Bahuto Felix, em seu nome e no de seus filhos, recebemos uma atenciosa carta, agradecendo ao «Comércio da Ajuda», colectividades e a todas as pessoas amigas as grandes provas de consideração e respeito que recebeu por ocasião do falecimento de seu espôso e pai, António F. M. Bahuto Felix.

«O Comércio da Ajuda», embora não tenha feito mais que cumprir o seu dever, agradece essa atencão.

Viriato Pedro Antunes da Silva, em seu nome, de seus irmãos e sobrinhos, vem por esta forma agradecer reconhecidamente ao jornal «O Comércio da Ajuda» e a todas as pessoas que por qualquer forma os acompanharam e lhe manifestaram pesar pelo falecimento do seu cunhado e grande amigo, e ainda aqueles que se dignaram acompanhá-lo á ultima morada.

Outrosim agradece á imprensa bairrista e colectividades as referencias publicamente feitas e as provas de afecto e solidariedade que lhe foram dispensadas.

A VENCEDORA
MERCEARIA, CARVOARIA E VINHOSDE
Alberto Ribeiro de CarvalhoVinhos recebidos directamente do lavrador
Géneros de mercearia de primeira qualidade, a preços módicos**6, Rua da Torre, 8 - AJUDA****ATENÇÃO!****FATOS** fazem-se desde 135\$00 a 160\$00, com perfeição e pontualidade, e a 180\$00, com forros especiais, na oficina de**ANTÓNIO DO ESPIRITO SANTO JR.**

(ANTÓNIO ALFAIATE)

Rua do Cruzeiro (á Ajuda), 97, 2.º, D.**PEROLA DA AJUDA**

DE

JOSÉ JULIO BORDALOMercearia, vinhos de pasto, vinhos finos e licôres
Carnes fumadas e queijo da Serra recebidos directamente
CAFÉ MOÍDO Á VISTA DO FREGUEZ
Louças de esmalte e vidros *** Artigos próprios para brindes**T. da Madresilva, 10 e 10-A - R. das Mercês, 121****SAPATARIA BARROSO**

DE

António Gomes Barroso & IrmãoAcaba de receber os últimos modelos de calçado para homem, senhora e criança, que vende a preços limitadissimos
Concertos e calçado por medida por pessoal habilitadissimo.
Saldos de magnifico calçado, quasi de graça.**104. C. da Ajuda, 108 ■ 57 R. de Belém, 59****TELEFONE BELÉM 150**